

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Flávio José dos Santos	Data: 07/04/2011	Ocupação: Professor de Artes Cênicas
Município: Jaboticatubas		Comunidade: Açude
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 44 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*

- Meu nome é Flávio José dos Santos, mais conhecido como Cuta, em toda região, em todo o canto que eu vou, entendeu? Às vezes você fala Flávio, mas vai ficar meio perdida assim – “quem é Flávio” – todo mundo me conhece como Cuta.

- *Idade, Cuta?*

- Eu tô com 39 anos.

- *Profissão?*

- Eu sou professor de Arte Cênica. Hoje eu faço um trabalho dentro do próprio município, voltado pra essa área mais cultural, tem um trabalho de arte negra que eu faço no município, e procuro envolver bem os adolescentes, crianças, trabalho anti-droga também; que eu já pego esse gancho, faço um trabalho anti-droga aqui no município, uma coisa que vem crescendo muito. E tem uma academia, que hoje eu mantenho dentro da Serra do Cipó.

- *Aqui na Comunidade do Açude?*

- Não, não. Essa academia eu mesmo montei no município de Santana do Riacho.

- *Ah tá. E é lá que você dá essas aulas?*

- É lá que eu dou essas aulas. A gente tem uma sala bem centrada, onde eu trago os garotos; também o Paulo, que é de São Luís do Maranhão, que é tambor-de-crioula. Que ele faz um trabalho de tambor-de-crioula aqui também, faz um trabalho específico com capoeira também.

- *Tudo lá?*

- Tudo lá. Então a gente, tem aqui a comunidade, essas coisas que a gente vive que é a nossa casa, é onde nasce e volta a cultura 24 horas, mas aonde a gente se reúne mesmo, que é onde eu vou passar o que eu aprendi, o que pesquisei com outros alunos, que a gente senta pra gente dar uma limpada em tudo e chegar ao resultado final: é lá na fundação hoje, entendeu?

- *Qual que é o nome?*

- Academia Rio Cipó.

- *E qual que é o endereço, seu? Aonde você mora.*

- Aqui é Rodovia MG10, km 94, Comunidade do Açude.

- *Relacionado à profissão, você já fechou ou eu te cortei?*

- Não, já fechei, tá tranquilo.

- *Qual que é a sua inserção e envolvimento aqui na Comunidade do Açude, relacionado às manifestações culturais?*

- Eu num falo só a Comunidade do Açude, que eu falo, as pessoas sempre perguntam, eu falo a Serra do Cipó em geral, entendeu? Porque quando se trata de cultura, se trata de educação, e o mundo tá pedindo um mundo melhor. E a cultura traz paz e educação e alfabetização; hoje eu tenho um envolvimento muito grande, não só da Comunidade do Açude, mas sim da Serra do Cipó, por desenvolver vários projetos na área cultural, na qual criei um grupo chamado Candoá, e junto com o pessoal da comunidade, que é um grupo de dança afro, folclórica, voltado pro folclore da região da Serra do Cipó. Aqui pega a Comunidade do Açude, aqui pega um pouco da Comunidade do Mato do Tição, aqui pega um pouco da Comunidade de Cardeal Mota, porque existe grandes griôs lá também, que faz parte dessa comunidade aqui. Então existe, um primo meu, primo primeiro, que mora no município de Santana, e num deixa de ser um morador da Comunidade do Açude. Porque só foi se dividindo aos poucos, como têm muitos em Belo Horizonte também. Então eu faço um trabalho hoje, e passo duas, três, quatro vezes na semana em cada casa de cada griô da comunidade, a gente tá sempre conversando, eles vão passando as coisas com um respeito muito grande que a gente tem, essa busca aos mais velhos, que são os grandes professores. Então hoje eu faço isso dentro da Serra do Cipó e levo pras crianças, pros adolescentes isso, porque quando nós estamos conversando com os mais velhos, que são os grandes professores, nós temos tendo educação e respeito. Porque quando eu me dirijo a uma pessoa mais velha, pra saber dela, pra poder aprender com elas as coisas, eu tô tendo respeito. E os mais velhos têm muita coisa boa pra ensinar aí, principalmente pros nossos griôs aí, de todo o canto do Brasil.

- *E quais as manifestações culturais que existem aqui na Comunidade do Açude?*

- Hoje, é assim que a gente fala, que é a primeira manifestação afro que veio a Minas Gerais, mas que dela se denominou como moçambique: o catopê, a marujada, o congado, o batuque, o samba de senzala, que é o candombe, que é o pai de todos os congados. Acho que é uma cultura, que muita gente num sabe, mas é uma...que as pessoas deveriam estudar mais um pouco. Pra saber: você vê um congado lá na frente, uma marujada, um catopê, vê um congo, vê um batuque, vê um caboclinho, e o pai disso tudo é o candombe. O primeiro que veio. Então, o primeiro candombe foi feito no achado de Nossa Senhora do Rosário, quando os negros construiu três instrumento chamado tambú, e tá ali a foto, que aí que veio a expansão do instrumento de couro, em Minas Gerais. E vem denominando as outras origens, das outras religiões, que foram colocando cada vez mais instrumento de couro, dentro dos terreiros de candomblés, de umbanda, nas missas congas, nas rezas e nas casas, então é isso tudo.

- *O candombe, que vocês faz o ritual aqui, ele é feito desde quando?*

- Olha, nós temos esses três instrumento aí, que isso vêm passando de geração pra geração. Esses três tambú, vocês vão ver, esse ano tá fazendo 235 anos. É da segunda geração de escravo na Serra do Cipó. Então é muito usado, porque isso vem do começo dos tempos da escravidão. Então, essa comunidade aqui mesmo, a gente vê que hoje é uma comunidade totalmente inovada porque nós perdemos até o nosso dialeto, num conseguimos resgatar nosso dialeto.

- *E qual é?*

- Que é o dialeto africano, hoje você teve a comunidade do Mato do Tição, você pode ver que lá eles ainda, às vezes quando eles fazem o candombe, eles cantam no dialeto deles.

- *Em ioruba?*

- Em ioruba. Eles cantam o dialeto africano, e a nossa comunidade perde uma coisa. Eu falo da minha geração mesmo, nós cochilamos um pouco e num ter aprendido com nossos pais. Eu mesmo já perdi a mãe, tem minha tia que tá aí hoje; então assim, meus avôs, meus outros tios também, e hoje a saúde num tá muito boa. Então foi uma das coisas que a gente não conseguiu resgatar.

- *Além do candombe, quais são as outras?*

- Aqui, além do candombe, tem o batuque, que é tradicional na festa que a gente faz no meio do ano que é maravilhosa, que é o Cipó Cultura. A gente pega toda a cultura da região e leva. Que o batuque hoje é uma comunidade forte de batuqueiro; hoje, dentro da Serra do Cipó em Minas Gerais, a Comunidade do Xiru, e do Seu Juquinha, na Lapinha de Santana. É no município de Santana do Riacho, muito batuqueiro, uma festa linda e maravilhosa. Tem o caboclinho, mas hoje, que era da região, e acabou por completo. E aqui hoje ainda tem o boi

da manta, que a gente quase todo o ano tem o boi da manta aqui, junto com a Festa de Candombe, que todo lugar tem um boi bumbá. Aqui na Serra do Cipó é boi da manta.

- tem data específica, do boi da manta?

- A gente faz no segundo sábado de setembro, faz a festa junto com a Festa do Candombe, porque sempre acontecia...antes do Candombe, a gente fazia a dança do boi da manta, onde o boi é leilado, essa coisa toda, de dançar e correr atrás da meninada mesmo, essa coisa toda, de todo mundo entrar na festa, é uma festa maravilhosa. então tem o boi da manta até hoje, tem as Pastorinhas também, que uma das matriarcas – uma mulher muito sábia aqui na comunidade – que é a Jandinez, mãe do Seu Valdivino. Ela ficou decadente, problema de saúde, e nós cochilamos mesmo, e não conseguiu mais fazer as Pastorinhas, que ocorria nessa época do ano agora. Então a gente sempre saía cantando nas casas todas, com os reis, e acabou a Pastorinha também. Da tradição folclórica da Serra do Cipó mesmo, então acabou a pastorinha, o caboclinho, a marujada, e a entrega do pé de milho, que era no fim da colheita. Como o município hoje não vive mais, hoje não tem plantação de colheita na Serra do Cipó, só vive do turismo, e aí acabou a entrega do pé de milho, que era uma dança maravilhosa, o fim da colheita. Eles pegavam em três pés de milho, vinham com eles, cantando, dançando, e batendo nas enxadas e nas foices. Então aqui também acabou na Serra do Cipó, a gente tão tentando resgatar com o grupo Candoá aí, tão estudando bastante, já têm os griôs, que já falou que vai me ajudar já, eu já tô preparando os meninos pra gente fazer esse resgate. E aí ficou o batuque, o candombe, o boi da manta, e o samba de senzala, que a gente sempre faz aqui, o pessoal procura muito. É uma festa de muita energia, uma coisa boa, então o pessoal procura bastante. Isso aí a gente faz umas quatro, cinco vezes no ano.

- E você estava falando sobre o samba de senzala. O samba de senzala, ele é feito num momento específico...?

- Não, o samba de senzala é uma das grandes festas da comunidade de hoje. Quando a gente reúne a comunidade, a gente quer fazer uma festa nossa. Aí, qual que é a tradição da Comunidade do Açude? Samba de senzala. Tocado por atabaque, hoje a gente coloca congas, outros instrumentos fabricados pela gente mesmo com o tronco de madeira, mas cantado em cima do contexto do candombe do que é, a música do candombe, que nem acontece na capoeira. E uma coisa fantástica acontece, que é a vadiação: o pessoal sambando, dançando, vadiando mesmo o tempo todo, essa coisa...do jeito que você se sentir melhor, você tá dançando e cantando ao mesmo tempo, todo mundo. Então assim, é uma festa maravilhosa que a gente faz aqui na comunidade, às vezes nos fins de semana mesmo a gente faz demais, e é a nossa festa, tudo que nossos griôs, nossos pais ensinou pra gente, então a gente vem com

esse contexto hoje, que é uma das maiores felicidades que a gente tem hoje, de fazer esse samba de senzala dentro da comunidade. A gente até parando um pouco, porque tá ficando tradicional demais, todo final de semana a comunidade tava cheia, tava todo mundo procurando o samba de senzala...

- *Mas que vem gente de fora também participar?*

- Vem, mas é aberto pra todo mundo. Como também o candombe é aberto pra todo mundo, o candombe num leva uniforme, essas coisas toda, é uma festa que vocês têm que se sentir à vontade, feliz, com muita energia. Samba de senzala vem encostadinho aí no candombe, com a mesma fonte de energia, com a mesma alegria, com a mesma felicidade. Onde vocês expressam seus sentimentos o tempo todo.

- *Só que o candombe tem um lado mais sagrado, e o samba mais profano...a diferença é essa.*

- Isso, a diferença é essa.

- *E o candombe, quando vocês tocam, também tem uma data específica ...?*

- Tem o primeiro candombe, agora, que é no último sábado de maio. Aí depois tem mês de junho, tem outro, na casa da minha outra tia lá em cima, em Cardeal Mota. Em setembro, tem aqui dentro da comunidade.

- *Então são três vezes ao ano. E durante a quaresma vocês não rezam?*

- Não, durante a quaresma, nós não mexemos com o jejum da comunidade. Os tambores de couro ficam encostado mesmo, num tocamos instrumento de couro na quaresma. Então, na quaresma aí, cê chamar a negada pra fazer uma temporada de couro, nós não, fica tudo guardando pro Sábado de Aleluia aí, fazendo aquela festa no Sábado de Aleluia.

- *O batuque é a mesma coisa, mesmo procedimento?*

- Mesmo procedimento. Alguns grupos de capoeira também têm esse procedimento, no dia da quaresma, o tambor de couro ficar quietinho.

- *Além dessas manifestações, há outras também? Você comentou das folias de reis.*

- Tem Folia de Reis sim, que passa todo o começo de ano. Aqui, hoje tem, na comunidade de São João Divino, faz parte da Folia de Reis, tem aqui o Jor, que faz parte da Folia de Reis. Têm também os primos nossos em São José da Serra aqui. Que são os titulares das folias de reis, uma manifestação maravilhosa.

- *Que sai no dia 25 e volta no dia 06 de janeiro?*

- Isso.

- *E as casas visitadas, durante esse período, são aqui da Comunidade do Açude, ou extrapolam?*

- Não, extrapolam. Andam todas, não só da Comunidade do Açude. Hoje já pega algumas casas de pessoal de familiares, que moravam no município de Jaboticatubas, que mora no município de Santana, a Folia de Reis hoje também vai lá. Então a Folia de Reis hoje anda muito, mas muito mesmo, não só a Comunidade do Açude. Porque essa comunidade do Açude, ela também é bem grande: ela começa aqui e termina lá no pé da serra lá, e aqui pra trás também faz parte da Comunidade do Açude. É uma comunidade de ribeirão mesmo, que começa aqui, vai descer pra baixo tudo é um povo só, uma família só: primos, tios, e vai estendendo por aí afora. Até lá embaixo, na última casa lá, que antigamente era do Valdir, hoje do Seu Valdivino.

- *Tem algum ponto de referência até o Cipó...?*

- Não, não. Aqui é a divisa da Bacia do Córrego do João Congo.

- *E tirando essas manifestações, há outras que você não mencionou pra gente?*

- Não, não.

- *Aí tem a Festa de Nossa Senhora do Rosário.*

- A Festa de Nossa Senhora do Rosário.

- *Ela acontece quando?*

- Aqui a gente faz ela no segundo sábado de setembro. Uma festa que dá muita gente, uma festa que chega gente da comunidade e você, se bobear nem conhece a comunidade, de tanta gente. Uma festa tradicional, a gente reúne a família toda, pra fazer essa festa. Porque é uma festa que não pode se vender nada. Vem da tradição dos candombeiros, uma festa de candombe, você tem que alimentar o povo à noite toda: de comida, de bebida, essas coisas todas. Hoje, devido ao crescimento dessa festa de maio, nós só conseguimos fazer essa festa porque é uma família muito grande. Nós junta aí mais de 200 pessoas pra fazer essa festa, mas na festa você recebe aí mais de 1.000 pessoas na festa, pra comer...

- *E são quantos dias de festa?*

- Faz um dia só de festa. A festa começa por volta de 08 horas da noite, e termina 08 horas da manhã. A noite toda a festa. Aí o pessoal que já vem, fica o outro dia todo, têm uns que já chega três dias antes.

- *E vocês que são responsáveis por oferecer a comida...*

- Isso, isso tudo. Bebida, isso tudo.

- *E dentro da dinâmica da Festa de Nossa Senhora do Rosário, além da participação do candombe, há outros grupos que vêm prestigiar a Festa do Rosário, ou é mais o candombe mesmo?*

- Na noite é só o candombe mesmo. Vêm os grupos, que é o pessoal que mexe com capoeira, tem lá o terreiro de umbanda, o pessoal que adora a festa, que tá tudo dentro de um contexto, toda essa macumba junto. Então o pessoal pega, e vem pra essa festa mesmo. Vem gente de todo o canto. O pessoal da arte negra, os estudantes de folclore, vem todo mundo.

- *Quando eu falei, eu pensei por exemplo: um grupo de marujada, um grupo de congado...*

- Não, mistura não. É só o candombe mesmo, na noite. O que acontece, um pouco antes de começar o candombe, é o boi da manta.

- *Que tem apresentação dele.*

- Tem apresentação do boi da manta, a gente faz aí uma hora de boi da manta. E logo quando termina a reza, terminou a reza, o levantamento de bandeira, dançando ao redor da bandeira, aí já vamos pro boi da manta já. Aí depois do boi da manta, já começa o candombe já. Aí vai a noite toda, intervalo de, pára uns quinze minutos, pra afinar os instrumentos, que é afinado no fogo. E pra ir revezando os tocador, e vai a noite toda até o dia amanhecer.

- *Os instrumentos que você fala que são afinados no fogo são os tambús.*

- São os tambus. São afinados no fogo, então chega uma hora que o som vai acabando, e você tem que afinar os instrumentos no fogo.

- *E o afinamento do tambú é um ritual mesmo da festa. Não é afinado antes ou depois...*

- Não, no momento mesmo. O pessoal fica trocando idéia ali, na hora que o pessoal tá afinando o tambor, o pessoal tá...você tá servindo o café, tá servindo um bolo com o pessoal, o pessoal tá tomando uma pinga, uma batida, um caldo...e depois, volta de novo. A gente faz uma fogueira grandona, durante toda a noite tem uma fogueira, essas coisas toda, e a gente chega, põe os instrumentos lá dentro da fogueira, pra afinar, que é do ritual da festa.

- *Voltando um pouquinho em relação à Folia de Reis. É só a Folia de Reis, ou tem um nome: folia de reis, dia, outra coisa?*

- Não, só Folia de Reis mesmo.

- *E esse grupo que você mencionou pra gente, o Candoá?*

- Pois é, o Candoá são um grupo...o Silas conhece bastante esse grupo. É um grupo que a gente tem aí com vários adolescentes, da Serra do Cipó. É um grupo que eu criei ele.

- *Você criou quando?*

- Esse ano tá fazendo nove anos que criei esse grupo. É um grupo que foi feito pra estudar o folclore nativo da Serra do Cipó. A gente criemo um grupo de dança afro. Era focado em outras danças que eu já fiz, que eu já aprendi, depois eu foquei ele especificamente no folclore afro da Serra do Cipó, que é muito rico, e de muita sabedoria. Então eu criei esse grupo, e

hoje é um grupo que tá com nove ano, isso mesmo, com crianças e adolescentes maravilhosos, que sabem falar muito bem pela cultura local.

- *Aí você tava mencionando o grupo Candoá.*

- O grupo Candoá. Esse grupo hoje, como tava falando, tem crianças e adolescentes fantásticos, meninas fantásticas, que têm hoje muito respeito pela cultura local, que era o que não tinha quando cheguei aqui. Eu vi que vários adolescentes aqui tavam perdendo a sua verdadeira identidade. E com o grupo Candoá, deu uma incendiada, que é um grupo de dança folclórica mais moderno, onde você faz um trabalho contemporâneo, e a dança totalmente primitiva, essas coisa toda, dentro do contexto você vê com meninas lindas da comunidade. Quando eu falo da comunidade, não falo só daqui não, eu falo em geral, da Serra do Cipó. Lindas, com tantas histórias fantásticas, dentro dum contexto de dança, e onde também foi um caminho pra mim tá mais entrando nas famílias, pra tá fazendo um trabalho de alerta mais com as famílias, em prol do exploração sexual das adolescentes do município, do envolvimento nas drogas, de fazer um trabalho de sexologia. Do conhecimento artístico e profissional pra meio de vida. Hoje já têm muitas meninas que passou pelo Candoá, que tá estudando fora e tá estudando arte cênica e dança. Têm uns que já tão até sobrevivendo até da própria arte, mesmo de dança mesmo. Tá estudando em BH e pagando a faculdade, com o que tá dando aula em escolas credenciadas, dentro de BH aí. Grandes bailarinas, que sai bailarinas folclóricas, a afro, se você vê uma coisa fantástica, e é uma coisa que a Serra do Cipó, no geral adora. Tem uma apresentação hoje do Candoá. Vai mães, os pais, os adolescentes, as crianças...

- *Além do balé, há um outro tipo de dança? Ensina o balé como tipo de dança. Há outros tipos?*

- É totalmente uma dança contemporânea. Mistura o balé, com o contemporâneo, com a dança primitiva. Porque o balé é todo tirado do folclore, toda dança que você vê contemporânea, um produto acadêmico, onde que eles tiraram. Tiraram do folclore, ao longo dos tempos você vê estudando, eu vejo estudando, há pouco tempo eu fiz um intercâmbio com um estudante de folclore: Ana Maria Carreiras, da Argentina. Ela veio até aqui também, e a gente ficou conhecendo, ela veio pra conhecer o candombe, que na Argentina também tem o candombe, e ele está com esse resgate lá. Há pouco tempo agora recebeu um outro argentino aqui, e a gente vai saber das nascentes das culturas toda. Eu fiquei muito surpreso, que ela falou que o tango é totalmente afro, é uma dança africana, como tem o chacaré, o chamamé, tem o malango na Argentina. Aqui no Brasil nós temos o congado, que tem o candombe, que tem o samba que é africano, que tem o hip hop, que é africano. E são produtos acadêmicos, as pessoas criam pra

vender. Pra vender o seu produto, pra sobreviver da sua arte, do talento que Deus lhe deu. E nós negros, moradores de comunidade, rurais, a gente tem que saber explorar muito esse lado artístico, que nascemos com ele. Que num foi implantado ou assim criado não, que já nascemos. Então é um estudo que eu fiz com esses meninos, e abri bem os olhos deles, essas coisas todas. Hoje eles têm muita ciência do que é a verdadeira identidade deles, do valor próprio de si, porque uns tempos atrás eles tinham vergonha da sua cultura, da sua tradição. Hoje eles num têm, batem no peito, sou morador da comunidade do Açude, sou candombeiro, danço no grupo Candoá, represento o folclore afro-brasileiro com muito orgulho, mas com muito orgulho mesmo. A gente vai fazer uma festa aí hoje, afro aí é uma energia, uma alegria danada.

- *E você acha que essa valorização por eles próprios, quem acendeu um pouco foi o Grupo Candoá com o trabalho.*

- O grupo Candoá com o trabalho que quebrou muito preconceito, o pessoal que era preconceituoso, e isso vem de geração pra geração, isso mexeu com toda a Serra do Cipó, e quando eu via um tambor de couro, amarrar um turbante na cabeça, o pessoal achava que era, nem macumba, que macumba é divisão de religião. Que era feitiçaria, que era coisa ruim! Hoje eles vê que aquilo com o lado cultural, e é um lado esportivo, uma arte maravilhosa, que é a arte de dançar, de cantar, de interagir, de conhecer pessoas. Então o pessoal de hoje tem essa mente, ele foi um trabalho que foi muito bem implantado, foi apoiado pelas duas escolas estadual e municipal daqui. Enquanto o município de Jaboticatubas com o de Santana, então fizemos esse trabalho dentro das escolas, uma grande força desse trabalho tá aí o Silas, que é um apoiador, uma cara fantástico. Num tá aí a diretora da escola Francisca Josina que...; da escola Eduardo Góis; da escola em Jaboticatubas. Um pessoal fantástico, mas fantástico mesmo, que deu muita força e incentivo. E nisso a gente conseguiu resgatar muita coisa dentro da Serra do Cipó, nem quanto só de tá na Serra do Cipó, e quanto de tá indo na capital, com uma outra mostra diferente, com um trabalho diferenciado. Porque, uma coisa que, no meu tempo eu tive que, fui nascido e criado na comunidade, fui embora muito cedo pra estudar...

- *Você foi embora pra onde, pra Belo Horizonte?*

- Pra Belo Horizonte, morei 24 anos em Belo Horizonte, e voltei pra cá tem pouco tempo. E que eu vi a cultura negra se perdendo um pouco, quando se falava em tambor, o pessoal tá confundindo muitas coisas: “vou pra cultura negra, porque é uma festa liberal, e que eu posso chegar, beber, e que eu posso usar drogas, nas festinhas”. Deixando esse contexto todo aqui, eu até a pouco tempo, trouxe esse mestre comigo, estudava capoeira aqui, falei com ele –

“muito cuidado com a capoeira, eu quero uma capoeira limpa aqui, que seja educativa” – porque o que eu venho vendo nos outros estudantes dos grupos de capoeira aí, que os pais às vezes num coloca criança, essas coisas, por conta do envolvimento com a droga. Vamos saber separar a arte, dos vícios. Então nós temos que ser um bom espelho. Então porque eu, dentro dum trabalho, a gente vem vindo que a cultura pode resolver o problema do mundo. Porque, uma cultura bem feita, buscada pelos antigos, pelos grandes professores, que eu falo que os grandes professores são os grandes griôs de comunidade – “eu vou aqui, vou falar com a Dona Mercês, vou lá em cima, vou falar com a Anita Correia, vou descer até embaixo, vou falar com a Dona Divina, vou até Lapinha de Santana, vou falar com Seu Juquinha”. São velhos sábios, não é sábio só da cultura não, sábio da vida mesmo, onde vai te ensinar que você vai dormir junto, e vai dormir três mulher e um homem numa cama e nenhum vai tocar no outro: respeito. Porque hoje a gente hoje vem vivendo num país, que vem se perdendo respeito quase por completo por conta disso. E é uma das tradições de comunidade, se dorme junto na mesma cama e um respeita o outro. Hoje os motivos que a gente vê aí: “ah não, pra me deitar com uma mulher, só se a gente tiver relações” – não, na comunidade todo mundo dorme na mesma cama, e o respeito é total. Então uma das coisas que a gente vem preservando muito aqui, dentro da Serra do Cipó, eu mesmo que sou aí, tô aí, lutando pela arte negra dentro do município, uma das coisas que conversamos bastante com as pessoas. Eles chegam pra mim pra procurar, eu já falo logo: “se for uma cultura limpa, sim; se for uma cultura suja, de maneira alguma”. Porque aí já vem o maior espelho lá na frente, então eu tô vendo que pra todo canto do Brasil isso tá desviando demais. Quando se fala em cultura negra, tem uma festa de tambor; você chega lá, a primeira coisa que tá, muita droga, o pessoal sem respeito, escrachadamente. Então isso tá uma imagem feia do folclore afro-brasileiro, e nós tamos nessa luta toda aí pra consertar esse lado. Aqui na Serra do Cipó, dentro dos trabalho mesmo que eu faço, eu num aceito de jeito algum. Tem meu primo aí que é o Danilo, que tá dentro do mesmo contexto, tá morando na cidade, ele vem todo final de semana. Dentro desse mesmo objetivo, tem a Flor, dessa mesma cor, então a comunidade assim mesmo. Há pouco tempo o pessoal até falava: “ah, na Comunidade do Açude tem muita droga. Porque? Tem festa de tambor. O pessoal usa droga demais.” Falei: “não, a droga que tem na Comunidade do Açude, tem em toda a Serra do Cipó”. Então uma diferença, uma comunidade que tem muito artista, e o artista tem que tomar cuidado com esse lado. Então, como é que eu fiz? Eu tive que passar de porta em porta em Serra do Cipó, em reuniões em escola pra explicar isso pra todo mundo. E hoje a comunidade é o que é. Eu falo com vocês, se vocês chegassem sozinho hoje, eu não receberia vocês. Eu recebi porque eu cheguei com o Silas, falava – “vocês têm que marcar um

horário comigo aqui, pra mim receber” - porque é o tempo todo na comunidade. Porque é uma comunidade, que nós tão preparando ela pra ser administrada por nós, negro mesmo da comunidade. Porque num somos analfabetos, sabemos falar “não”. Se você me falar um nome diferente, eu te peço pra você falar comigo em português correto. Então nossa comunidade é uma comunidade que tá preparada pra ser educada por nós mesmo, as coisas boas vêm, a gente recebe de braço aberto. Aí você vê uma coisa que num tá dentro do quadro, a gente pede pra dar licença com educação também, que a gente tem que ter educação mais pra falar “não”, do que pra falar “sim”. E hoje, graças à Deus, é uma coisa que a gente tão tendo tranquilidade na Serra do Cipó, é em termo do resgate cultural, embora têm algumas coisas que tão desviando aí, e depois até a gente tão pesquisando, e depois que vocês voltar aí, eu posso até falar com mais resultado, mas é coisa que a gente tão finalizando, tranquilo, estudando, discutindo, pra chegar a uma afinidade.

- *Você tocou no tema capoeira, aqui tem um grupo de capoeira?*

- Olha, aqui já teve um cara de muito respeito por essa comunidade, um mestre de capoeira chamado Guto. Que fez um trabalho aqui dentro, ele logo acabou com o grupo dele que ele tinha aqui em Belo Horizonte, ele foi embora pra terra dele. Começou a vir pra aqui, e apaixonou demais pela terra, pro trabalho no campo, e foi cuidar da fazenda dos pais dele, que era filho de um fazendeiro. Depois disso tem um cara, que tá aqui, que vem aqui nessa comunidade que é o Bocão. O cara que é professor na Faculdade de Belo Horizonte, um cara fantástico, que trabalha a capoeira limpa, com muita educação, a capoeira educativa mesmo. Ele vem na comunidade, não é que aqui tem um grupo fechado de capoeira dentro da comunidade, porque nós somos contra uma coisa que acontece dentro da capoeira: preconceito. Qual que é o preconceito que acontece dentro da capoeira. A comunidade é casa aberta, casa de todos. Se nós deixar criar um grupo de capoeira aqui, hoje tem uma divisão dentro da capoeira, que é a capoeira angola e a capoeira regional. Um produto criado com muita inteligência por um mestre vindo de Pastinha, pra vender a capoeira. Então se nós fechar aqui pra cachoeira regional, o cara que gosta de uma capoeira angola, que ama cultura, ele: “vai lá só”, essa coisa toda. Então nós não temos preconceito de cultura nenhuma, nós preferimos fazer a comunidade aberta, você queria fazer capoeira que vai em outro lugar, como eu tive fazendo capoeira há muito tempo, por conta dos meus estudos. Eu queria estudar capoeira, pra eu introduzir uma parte dela, dentro da dança, saber da nascente dela, da afinidade da capoeira mesmo, passei um tempo, um tempo de estudo mesmo, mais estudo do que está praticando mesmo, querendo saber o fundamento pra ver até que parte do candombe casa com essa capoeira aí. Então minha tia, a Dona Mercês, ela conversou com nós: “não, não

queremos grupo de capoeira aqui dentro não.” Aqui é uma comunidade de candombeiro, vem todo tipo de capoeira aqui dentro, e todos eles são bem recebidos...então a capoeira hoje tem uma divisão. Se você é evangélico, você chega na comunidade pra conversar, você é bem recebido. Se você é um feiticeiro, você chega aí pra conversar, você é bem recebido. Todo mundo é bem vindo dentro da comunidade. E se você se fecha dentro do preconceito de uma coisa só, você tá fechando as portas pras outras coisas. E hoje, o que nós temos que fazer, é dar as mãos todo mundo, é um só, numa corrente de forças, desde que seja gerador de coisa boa.

- *Ô Cuta, a sua fala lá atrás, você falou dos instrumentos que são utilizados: que esses instrumentos, eles são construídos por vocês aqui.*

- São pela segunda geração de escravos da Serra do Cipó, que são os três tambú com uma caixa batuqueira.

- *Mas há pessoas atualmente que produzem esses instrumentos, que conhecem essa técnica..?*

- Tem, tem sim.

- *Quem são?*

- Hoje aqui na comunidade, tem um cara aqui que é muito bom pra fazer instrumento de couro, que é meu tio, meu tio Valter; um outro tio, tio Ramiro. Que são bons pra fazer instrumentos de couro..

- *Mais de percussão?*

- De percussão. Quando faz instrumento de couro, se faz instrumento de percussão. Hoje tem a nova geração, que tem eu também, tem meu primo – que é o Cotó – tem o Johnny. Então a gente já aprendeu, e tem uma facilidade pra fazer esses instrumentos de couro. Embora a gente produza pouco demais, dentro da comunidade, mas quando a gente quer fazer, a gente pega e faz.

- *Todas essas manifestações, esses saberes, esses modos de fazer que você mencionou, como é que você percebe que isso é repassado dentro daqui da Comunidade do Açude? Você pega o candombe, que você falou que tem mais de 200 anos...tem aí o batuque, e tantas outras coisas. Como é que você percebe que isso foi passado, por exemplo, de lá de uma geração tal e chegou nas suas mãos hoje?*

- Sabe como isso foi passado? Nós num ensinamos candombe dentro da nossa comunidade. Porque o que se canta dentro da nossa comunidade, o que se toca dentro da nossa comunidade, é candombe. Instrumento percussional que eu trago aqui na comunidade, nós vão tocar aqui, nós vão cantar a nossa cultura, a nossa nascente. É como o cara que nasce da cidade e ele ouve funk, vão supor. Tá tocando funk o tempo todo todo. Aí os meninos já

cresce ouvindo funk. Aqui na comunidade, eles crescem ouvindo candombe. Então, quando tá com cinco anos de idade, os menino já tão cantando e dançando candombe. Eu te peço meu menino pra dançar um candombe procê, ele canta e dança. Você vê ele dançar, ele dança como se fosse um adulto.

- *Quantos anos ele tem?*

- Tá com três anos. Já tá dentro do contexto. Então é uma coisa que a gente não ensina, já aprendem, porque é o nosso dia-a-dia. Aí você já quer a sua tradição, com aquela raiz...nas rezas, tão rezando, essa coisa toda; logo, logo faz levantamento da bandeira, faz o candombe. Nós tamos sempre, reúne a família no domingo, nós tamos sempre fazendo um candombe nos instrumento aqui, de couro, e aí eles vai, mas que vai mesmo. Então isso é uma coisa que a gente hoje tem tranqüilidade, e a gente sabe que num vai desvirtuar. Às vezes hoje, a droga às vezes pega muito adolescente na comunidade, mas graças à Deus, nos últimos tempo, tem parado bastante com isso, que a gente tem feito um trabalho bem feito na comunidade, e preparado os adolescentes pra absorver as coisas boas do turista, as coisas ruim deixar lá no poste de rua, porque o turismo, ele é muito bom demais: ele alfabetiza, essa coisa toda, traz o crescimento de diversas parte, mas tem que tomar um cuidado muito grande, e que a comunidade aqui num tá preparada, mas a gente tá preparando muito bem já.

- *Aí a pergunta seria: quais as dificuldades encontradas pra dar continuidade a essas manifestações, esses saberes que vocês possuem.*

- Hoje uma dificuldade, que poucos dias tive até conversando com o Lindomar, lá da Comunidade do Mato do Tição, que uma coisa que vem ameaçando a nossa comunidade um pouco, é o crescimento das igrejas evangélicas. Há pouco tempo mesmo, eu andei me deparando com isso dentro da minha própria casa, conversei com a minha mulher, falei com ela: “olha, eu não quero isso aqui dentro da comunidade, aqui é uma comunidade de candombeiro, religião é uma só, você nasce nela e morre nela.” Nós temos isso: não temos pobrema de saúde, essas doença horrorosa dentro da família, graças à Deus, nós temos um padroeiro, a Nossa Senhora do Rosário, que olha toda a comunidade. Então falei com ela, que minha mulher, casei com ela das cidades, essa coisa toda. Pouco tempo os evangélicos tavam vindo muito aí, então isso é uma coisa que a gente tem que ter cuidado. Muitas pessoas da comunidade convertem pra evangélico, eles esquecem sua verdadeira identidade, a sua nascente. Porque queira ou num queira, eles têm esse preconceito ainda, dentro da religião deles. Isso vem crescendo muito aqui pro lado de cá da Serra do Cipó, de três anos pra cá. Então é uma das coisas que a gente vem conversando muito, porque se a religião evangélica invadir qualquer comunidade quilombola, se perde a tradição cultural.

- *Você conhece a comunidade do Buraco. aqui em Conceição do Mato Dentro?*

- Conheço, tive lá há pouco tempo, tive na Comunidade do Buraco, tive lá no Sapo, que tem evangélica. Então uma das coisas que estamos conversando, essa comunidade, é a Comunidade do Mato do Tição, respeito as igrejas evangélicas, porque eu vim também de uma tribo – de índios em Carmésia – até tem uma índia que mora na Serra do Cipó, que ela é evangélica. Então ela vai perder totalmente o seu costume. A sua tradição foi toda embora, mudou de religião no meio do caminho. E a tradição cultural? Porque quando você nasce numa religião, você tem os seus costumes, suas tradições. Então é uma das coisas que a gente vem acompanhando bem de perto, passo a passo, que chega na comunidade por conta disso. Nós num podemos deixar as outras religiões. Num tô falando que elas são ruins, são boas, mas nós já temos a nossa religião. É uma das preocupação com a religião evangélica, dentro dessa comunidade quilombola. Quanto eu tenho essa preocupação. Quanto Evandro tem. Quanto o pessoal do Xiru tem. Que a gente vem tendo essa preocupação sempre. Se as igrejas evangélicas invadirem as comunidades, aí sim, você pode ter certeza que os costumes, tradicionais, folclórico, e esse lado rico, artístico do negro tá indo embora, tá indo embora sim, que eles são de viseira, então assim, tão fechado, começa a idolatrar as pessoas, nós somos que nem uma árvore, que nem um pássaro. Nós temos que ter liberdade pra fazer o que nós quiser, respeitando a nossa nascente. E é um lado que a gente vê que eles não respeitam de maneira alguma, então é uma das coisas que vêm preocupando ao longo do tempo, dentro da Serra do Cipó, é isso. Mas tirando disso, tá tranquilo, graças à Deus, a gente conversa, o resto tá na mão de Nossa Senhora do Rosário. Então a gente num esquenta muito a cabeça não.

- E tem um comentário assim geral que você gostaria de falar, uma coisa que eu não perguntei, que você gostaria de mencionar? Um breve comentário...

- Olha, eu tenho uma fala que – palavra de minha mãe e minha tia – que eu falo pra todo mundo. Que a gente tem que fazer o bem a todo momento, sem olhar pra quem. Porque quando você sai da casa projetando, você leva toda cama; saiu de casa projetando coisa boa, você só vai encontrar coisa boa. E que num existe pobreza, existe solução pra tudo. Então é essa fala que eu quero falar. O resto é tranquilo, eu tenho muita fé em Nossa Senhora do Rosário, todo mundo sabe, tenho fé em Deus, e sei que essa comunidade minha vai servir de muita educação, de muito estudo, de crescimento pra muitas pessoas aqui. Quanto comigo como qualquer pessoa que você tiver, de gente de qualquer comunidade. Que ela esteja enraizada nas suas nascentes, seus valores próprios, vai servir de muito estudo e educação demais. Aqui o povo, no mundo, se espelha um pouco na comunidade, que dentro de

comunidade há muito respeito e educação, porque comunidade quando se fala em liderança e matriarca, porque nós num fazemo nada, que os mais velhos de casa num concorde. Num devemos nunca perder o respeito às pessoas mais velhas, que são os grandes professores. Beleza?

- Beleza, fechou?

- Fechou.

- Obrigada, tá?

- Nada.